



LIVROS PARA CRIANÇAS NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX, ARGENTINA E BRASIL¹

GABRIELLA PELLEGRINO SOARES

DEPTO. DE HISTÓRIA, UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Tratarei da formação da Sección Infantil de la Biblioteca Nacional de Maestros, em Buenos Aires, a partir de 1916, e da Biblioteca Infantil Municipal, em São Paulo, a partir de 1935.

Leopoldo Lugones (1874-1938) foi diretor da BNM entre 1915 e 1938, quando se suicidou. Sua permanência à frente da instituição durante os governos da Unión Cívica Radical, entre 1916 e 1930, que combateu vivamente, traduz a relativa autonomia do sistema educacional em relação ao sistema político nacional (Marengo 1991: 74).² Da mesma forma, a relativa autonomia da BNM em relação às oscilações políticas do CNE, que teve mais de 15 diferentes presidentes entre 1915 e 1938.

Em 1916, Lugones criava a Sección Infantil de la Biblioteca Nacional de Maestros, uma biblioteca com características especiais que até então não se havia experimentado no país. Projeto: promover a civilização, acolhendo em um espaço ordenado e belo crianças provenientes sobretudo das classes operárias.

Mas a criação da Sección Infantil foi também uma iniciativa voltada à formação de leitores propriamente ditos –não a primeira na trajetória de Lugones, que na juventude fundara com Payró a Biblioteca Obrera–, e comum a outros intelectuais de sua geração, que se envolveram, de maneiras diversas, com esse propósito (o hábito e a inquietação pela leitura).

Qual o repertório de leituras “criativas” que se quis oferecer às crianças frequentadoras da Sección Infantil? Criada no mesmo ano da publicação de *El payador*, a Sección

¹ O texto foi extraído e adaptado de livro já publicado no Brasil: Soares, Gabriela Pellegrino (2007). *Semear horizontes. Uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*, Belo Horizonte, Editora da UFMG.

² Da parte de Lugones, 1930 poderia ter sido um momento de ruptura com o cargo, pois lhe foi oferecida, em vista de sua colaboração como o movimento golpista de Uriburu, a direção da *Biblioteca Nacional* argentina. O escritor declinou o convite, posto que, como escreveu Borges, “sua militância havia sido desinteressada”.



privilegiaria textos expressivos da essência cultural argentina, a fim de que contribuíssem com a educação patriótica dos jovens leitores? Seria ela um braço extensivo da escola e dos conteúdos didáticos?

Analisei os livros de inventário da Biblioteca Nacional de Maestros durante a gestão de Leopoldo Lugones como seu diretor e, posteriormente à sua morte –embora as aquisições de obras para crianças, a partir daí, diminuíssem substancialmente– durante as gestões de Alfonso de Laferrère, em caráter interino, de Nicolás Coronado entre 1938 e 1949 e o princípio da gestão de Nicolás A. Rivero, que se estendeu até 1980.³

O acervo da Sección Infantil foi rarefeito em seus primeiros anos. No livro de inventário no. 2, referente a outubro de 1910 a agosto de 1920, são escassas as referências a títulos para crianças –alguns contos de Andersen, sem que se precise a edição, *El tesoro de la infancia*, publicado em Buenos Aires por Igon Hermanos, em 1901, e alguns livros de leitura escolar argentinos. Apenas nos anos 1920 é que o acervo parece ter de fato florescido, com ênfase em obras literárias e, em grande medida, com base em edições estrangeiras em língua espanhola.

No livro de inventário no. 3, que cobre o período de agosto de 1920 a dezembro de 1927, a maioria das obras literárias para crianças provinha da Espanha e, em segundo lugar, da França.⁴ Entre os poucos títulos editados na Argentina adquiridos pela Biblioteca Nacional de Maestros nesse período estão os contos de Ada María Elflein, publicados pela editora Universo, de Buenos Aires, em 1918 e um dela, *Del pasado – cuentos, episodios, narraciones de la vida argentina*, por Araluce, de Barcelona.⁵

O livro de inventário no. 3 menciona ainda *El libro ameno de los niños*, de Alberto Williams, publicado por José Moly, de Buenos Aires, e *El mundo maravilloso*, de Hamer, entre nove outros contos do autor editados por La Nación, de Buenos Aires. Duas outras obras de Hamer citadas haviam sido editadas por Ramón Sopena, de Barcelona.

³ Os livros de inventário não especificam quais os títulos destinados à Sección Infantil –indicam apenas, segundo a data e o número do tombo, o título, o autor, a coleção, quando era o caso, a editora, sua localidade e, quando sabido, o ano e o número da edição das obras que passaram a integrar o conjunto do acervo da BNM. É possível reconhecer, entretanto, os livros que interessam a esta pesquisa, por aparecerem via de regra em blocos de títulos integrantes de coleções destinadas à infância ou à juventude.

⁴ Livro de Inventario n.º. 3: de agosto de 1920 a dezembro de 1927, tomos n.º. 18.081 a 23.914.

⁵ A autora também teve uma obra editada em Paris, por Vida de Ch. Bouret. Adotei nesta seção a grafia do nome dos autores tal como consta nos livros de inventário.



A presença, no acervo da BNM, de livros para crianças escritos ou editados no país é tímida mesmo em relação à restrita produção da época. O prestígio gozado pelas editoras estrangeiras na Argentina das primeiras décadas do século não pode ser desprezado como um fator que interferia nos critérios de formação de um acervo de livros. Também deve-se levar em conta que a BNM não absorvia com rapidez obras recém publicadas, hipótese corroborada pela datas de edição disponíveis no inventário, como veremos via de regra bem anteriores às do tomo. Finalmente, o que aqui se coloca como um ponto central para discussão é se o perfil das edições espanholas e francesas estava mais próximo das concepções de Lugones do que devia ser dado a ler às crianças, do que o das obras editadas na Argentina –em boa medida, nesses anos, no campo da literatura infantil, obras nacionais e, especialmente, escolares.

Cuidados pontuais à parte com os estrangeirismos culturais (caso de *Il Cuore*), o grande destaque entre as aquisições voltadas à Sección Infantil foram os títulos da coleção “Cuentos de Calleja”, publicada a partir de 1884 pela editora madrilenha Saturnino Calleja.

Como esclareceu Saturnino Calleja Fernández na “Advertencia Preliminar” à nova edição, pela “Biblioteca Ilustrada para Niños”, de Bertoldo, Bertoldino y Caseno, título quase obrigatório nas coleções de livros infantis que circularam na Argentina na primeira metade do século, a editora depurava a linguagem das obras em respeito à inocência das crianças. Nas obras estrangeiras adaptadas por Calleja, sempre em linguagem castiça, buscava-se “espanholizar” os tipos, os detalhes e os ambientes descritos.

Subdivididos em séries como “Biblioteca de Recreo”, “Pinocho”, “Pinocho contra Chapete e Cuentos escogidos”, “Biblioteca Perla”, os “Cuentos de Calleja”, reuniam clássicos da literatura universal infantil ou adulta em versões adaptadas. Entre quase 100 títulos, encontrei, no livro de inventário no. 3 da BNM, referência a, entre outros: *Historia de Gil Blas de Santillana*, de René Le Sage; *Quo vadis?*, de Henry Sienbiewicz; *Los ultimos dias de Pompeya*, de E. George Bulver Lytton; *Fabiola o la iglesia de catacumbas*, de Wieseman; *Cuentos*, de Perrault; *Cuentos*, de Andersen; *Consejos a mi hijas*, de J. N. Bouilly; e ainda, *Robinson Crusoe*, *Historia del rustero Bertoldo – La de Bertoldino su hijo – y la de Caseno su nieto*, *La cabaña del tío Tom*, *Ben-Hur*, *El Robinson Suizo*, *Pulgarcito*, *Blanca Nieves*, *Ali-Baba* etc.



No livro de inventário no. 4, iniciado em 6 de fevereiro de 1928, mencionam-se, entre os títulos das séries “Pinocho” e “Pinocho contra Chapete”. Em abril de 1929, foram também adquiridos os “Cuentos de Calleja”: *La Bela Durmiente* etc.

A partir da década de 1930, reduziu-se drasticamente o número de aquisições de “Cuentos de Calleja”, havendo apenas menção, em junho de 1933, aos títulos *Cuentos mágicos* e *El unicornio y otros cuentos*.⁶

Ao reunir a coleção, Sección Infantil abria as portas para clássicos da literatura espanhola e universal –neste caso, introduzida pelo prisma cultural espanhol. Delicados no texto, delicados no formato e nas ilustrações, visavam entreter a criança sem perder de vista as balizas morais que convinham à sua formação.

De toda forma, as balizas morais dos textos editados por Calleja tendiam a ser mais sutis do que as estampadas nas obras de Elflein, Vigil ou Olga Adler –Bertoldo saía-se bem ao pregar peças no rei Albuino, a ficção encerrava as narrativas, sem que lições a elas se agregassem.

A se tomar pelos “Cuentos de Calleja”, no mundo dos livros que o escritor criou para as crianças não reinavam o patriotismo, o racionalismo, os ensinamentos morais ou o culto à força física. Seria também temerário afirmar que aí se nutrisse um fortalecimento dos vínculos culturais com a Espanha, cara aos intelectuais autoritários argentinos. Afinal, a maior parte dos “Cuentos de Calleja”, ainda que capturados pelo prisma do ambiente local, não eram de origem espanhola. Tratavam-se, enfim, de “leituras criativas” que – em sua materialidade, seu conteúdo, sua linguagem–, procuravam ir ao encontro do espírito infantil, nutrindo-o moral e intelectualmente, estimulando-lhe a imaginação, familiarizando-o com a literatura e a cultura universais.⁷

Vejamos que outras obras integraram o acervo da Sección Infantil. Nos anos 1920, adquiriram-se livros da editora barceloneta Montañola, como *Lanzarín*, de G. Gay e *El libro de las tierras vírgenes*, de Kipling.

⁶ Segundo consta no Livro de Inventário, a *Biblioteca Nacional de Maestros* foi fechada entre fins de 1931 e fins de 1932.

⁷ A escritora de literatura infantil Maria Elena Walsh, nascida em Ramos Mejía, província de Buenos Aires, em 1930, conta ter sido leitora dos “Cuentos de Calleja” na infância. Já a escritora Graciela Beatriz Cabal conta que seu avô leu para ela, quando criança, as histórias de *Bertoldo*, *Bertoldino* y *Cacaseno*, que levavam ambos a gargalhadas, além de, entre outros, *Las mil y una noches* e *Don Quijote de la Mancha* (Cabal 1992: 616).



Em princípios do século XX, os editores de Burgos, Hijos de Santiago Rodríguez, promoveram uma conveniente união de “reputados autores” e “notáveis ilustradores” em coleções concebidas como “bibliotecas a regalo a la juventud”. Dentre outros, a BNM adquiriu, nos anos 1920, títulos da “Biblioteca Azul y Rosa”, como *Flor de aventura*, de Hector Malot.

Não constam do inventário da Biblioteca as obras de inequívoca “mentalidade conservadora” editadas por Hijos de Santiago Rodríguez para que chama a atenção García Padrino, de autores como Sofía Casanova –*Viajes y aventuras de una muñeca española en Rusia e Manuel Linares Rivas; Los aventureros*, de 1919; entre outros (García Padrino 1996).

Da editora madrilenha La Lectura, a Biblioteca adquiriu, nos anos 1920, entre outros: *Margarita*, de Belloc; *Hernán Cortés y sus hazañas*, da Condessa de Pardo Bazán; *Las aventuras de Telémaco hijo de Ulises*, de Fénélon.

E também o clássico da literatura infantil, tão celebrado na Argentina da primeira metade do século, *Platero y yo (elegía andaluza)*, de Juan Ramón Jiménez.

Na década de 1920, as edições espanholas dividiram espaço com as francesas nas aquisições feitas pela BNM. Citando J. F. Botrel,

Em princípios do século XX, Paris era uma das capitais da edição em língua espanhola. La Librerie Garnier Frères, las Ediciones Bouret, la Librerie Ollendorff e muitas outras editoras se lançam ativamente à publicação de obras originais ou de traduções que logo se distribuíam na Espanha e sobretudo na América Latina⁸ (Botrel 1993: 602).

A Sección Infantil reuniu então muitos títulos da editora parisiense Garnier, que teve uma filial aberta no Rio de Janeiro em 1844, e possuía, como dito, desde quase o seu nascimento nas galerias do Palais Royal, em 1833, um setor de publicações em espanhol. A vinda de Baptiste Louis ao Brasil foi concebida, inicialmente, como uma forma de escapar à censura e explorar o comércio de livros obscenos, fértil na América Espanhola (cf. Mollier 1988 e Pinto 1993). Como se sabe, porém, a trajetória da Garnier da Rua do Ouvidor ultrapassou em muito esse propósito. Também o departamento de espanhol da Garnier em Paris incrementou-se, inundando de traduções os mercados ibérico e hispano-americano.

⁸ A editora parisiense Casa Ollendorf publicava livros em espanhol para serem exportados para a Espanha e sobretudo para a América Latina. Também vendia direitos de tradução para o espanhol.



A Garnier tornou-se uma editora importante no campo dos textos escolares e infantis. Nas primeiras décadas do século XX, continuava a difundir os clássicos da literatura infantil que já editava no século XIX, com ilustrações de, entre outros, Gustave Doré e J.-J. Grandville (cf. Renonciat 1997).

Muitos dos títulos da Garnier coincidiam com os editados na Espanha, como os contos de Grimm ou Andersen, versões Robinson Crusoe, Gil Blas e de D. Quixote, concorrendo para a afirmação de um repertório básico de leituras ficcionais destinadas à infância. Ao mesmo tempo, ainda que determinadas obras tenham sofrido adaptações, os títulos em espanhol oferecidos pela Garnier correspondiam, em boa medida, ao catálogo de títulos disponibilizados em francês.

Outra editora parisiense presente no inventário da BNM nos anos 1920, mas que praticamente desaparece nos anos 1930, é Vda. de Ch. Bouret, fundada por Charles Bouret no primeiro terço do século XIX e desde cedo especializada na publicação de livros em espanhol para exportação, com ênfase nas áreas de literatura e obras escolares.⁹ Em 1933, foi obtido um último volume da “Biblioteca de la Juventud” de Vda. de Charles Bouret, que tratava, bem ao gosto da época, de Rasgos biográficos de niños célebres.

Se as editoras francesas desapareceram dos livros de inventário da BNM no que concerne às obras ficcionais para crianças –o que, aliás, traduzia um movimento mais geral de enfraquecimento da presença cultural francesa na Espanha e na América Latina no período entre-guerras– determinadas editoras espanholas mantiveram o seu lugar no acervo da Sección Infantil ao longo dos anos 1920 e 1930.

Títulos publicados pela Coleção Araluce, da editora barceloneta fundada em princípios do século XX –voltada a clássicos da literatura européia adaptados para crianças, vieram a integrar o acervo da BNM ao longo dos anos 1920 e 1930, entre outros: *Historia de Shakespeare; La Iliada o el sitio de Troya; Viajes de Gulliver a Liliput; La Canción de Rolando; La Divina Comedia; Aventuras de D. Quijote; Cuentos de Cantenbury relatados a los niños.*

⁹ Em princípios do século XX, a editora abriu uma filial no México (Botrel 1993: 598).



A editora barceloneta Seix Barral proveu de biografias e contos a BNM ao longo da década de 1920: *Vida de Cristóbal Colón*; *Vida de Júlio Cesar*; *Vida de Napoleón*; *Vida de Alejandro Magno*.

Outras edições de Seix Barral foram adquiridas pela Biblioteca nos anos 1930, então com ênfase nos romances de viagens e aventuras: *En tierra y en mar – Aventuras maravillosas*, de Main Reid; *La conquista del fuego*, de Rosny; *La isla del tesoro*, de Stevenson.

Com a exceção de Araluce e Seix Barral, presentes desde os anos 1920 no inventário da BNM, são outras editoras que aí prevalecem ao longo dos anos 1930. Destaque deve ser dado à barceloneta Ramón Sopena, da qual há um único tomo em fins dos anos 1920, relativo a *Las tribulaciones de Meterete*, de Monselle, e que, na década seguinte, rega a Sección Infantil com títulos das “Biblioteca Selecta” e “Biblioteca para Niños”. A editora dedicava grande cuidado à materialidade das obras, compostas em boa impressão e com bonitas ilustrações.

Da editora barceloneta Irbirana Hermanos, para citar um último exemplo, agregou-se ao acervo da BNM, nos anos 1930, o clássico *Pablo y Virginia*, de Bernardino Saint-Pierre. Além da afluência de livros de novas editoras espanholas e do esvaecimento das publicações francesas, uma mudança perceptível ao longo dos anos 1930 no acervo infantil da BNM foi a crescente presença de edições argentinas. O fato se deve à chamada “interiorização”, pela Argentina, do impulso editorial espanhol, em consequência do estabelecimento, em Buenos Aires, de exilados da Guerra Civil ligados a esse ramo de atividades, e da crise que afetou as editoras espanholas.

A maior atenção da BNM para com a produção editorial argentina para crianças nos anos 1930 foi resultado de seu crescimento, mas também da maior correspondência entre o perfil das publicações e os critérios de composição do acervo. Afinal, ao lado da produção de livros escolares para crianças, que remontava no país ao século XIX, ganhavam espaço, aos poucos, as “leituras criativas”.

De Constancio C. Vigil adquiriram-se, nos anos 1930, diferentes títulos publicados pela editora Atlántida, que ele fundara em março de 1918 em Buenos Aires. Surpreende que não haja menção a mais volumes da “Biblioteca Billiken”.

Editoras argentinas tradicionalmente ligadas às obras escolares forneceram à BNM textos infantis de autores estabelecidos no país. Da Librería del Colegio, por exemplo,



fundada em princípios do século XIX em frente ao atual Colégio Nacional de Buenos Aires, adquiriram-se *Cuentos de lejanos países para la juventud argentina*, de Berta Wernicke, editado em 1929 e *Fábulas en acción para la escena y el aula*, de Germán Berdiales.

Da Casa Editora Sulamericana, de Buenos Aires, nos anos 1930, obteve-se a obra *Relatos juveniles*; recompilación de historias dignas de ser leídas y releídas por la juventud.

Nos anos 1940, a Sección Infantil da BNM adquiriu ainda alguns poucos títulos de editoras nacionais. Da Editora de Buenos Aires, *Hilo de oro, hilo de plata, selección de letras y cantares infantiles recogidas de la tradición popular hispanoamericana*, de Rafael Jijena Sánchez, publicado em 1940. Do mesmo autor, publicado um ano antes, *Letras para cantar con la caja*.

De Losada –fundada em 1938 pelo imigrante madrileno Gonzalo Losada, que decidiu fundar sua própria editora quando Escasa-Calpe, em cuja sucursal portenha trabalhava como gerente ao eclodir a Guerra Civil espanhola, manifestou apoio ao franquismo– vieram em 1940, *Las aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain e *La litera fantástica*, de Rudyard Kipling, publicados pela “Biblioteca Contemporánea” no ano inaugural da empresa, e *Platero y yo (elegía andaluza)*, de Juan Ramón Jiménez, lançada em 1943 e tombada pelo livro de inventário no. 5 em agosto de 1948.

Finalmente, *Infancia de Jesus*, de Ana Maria Berry, título da “Biblioteca Argentina de Arte Religiosa”, da editora Poseidon, de Buenos Aires, lançado em 1942.

Nesses anos, por razões que não pude averiguar, a escassez de aquisições de textos literários para crianças nos livros de inventário da BNM indicam uma perda de importância da Sección Infantil. Ao que parece, ela foi se fundindo com uma sala geral de consultas, voltadas a estudantes e professores, com um acervo mais focado em matérias escolares. Foi a gestão de Lugones quem lhe deu alento, mantendo-se o impulso nos anos imediatamente após a morte desse diretor, mas não no longo prazo. Aí, prevaleceram as edições espanholas de textos ficcionais, vários dos quais se repetiam, em versões diferentes, nas múltiplas coleções. Em meio ao repertório, obras com “censura eclesiástica” conviveram com edições não comprometidas com princípios da educação cristã, assim como os heróis argentinos, de Elflein, compartilhavam



estantes com pícaros espanhóis e princesas medievais. No universo que se construía para o exercício de “leituras criativas”, essas fronteiras pareciam suavizar-se.

Nos anos 1940, quando a Sección Infantil perdía ímpeto, as coleções literárias para jovens e crianças já se multiplicavam no catálogo de editoras argentinas – “Biblioteca Las Obras Famosas”, de Tor, “Colección Robin Hood”, de Acme, “Famosas Novelas”, da barceloneta Molino, com filial em Buenos Aires, “Colección de Novelas Vocacionales”, de Guadalupe, “Biblioteca Juvenil Hachette”, da Hachette de Buenos Aires, “Colección Universo”, de Sopena, um pouco mais tarde “Colección Lecturas Recreativas”, de Peuser– disponibilizando no mercado um repertório universal e “criativo” para jovens leitores motivados e mediadores dispostos a difundir literatura entre as crianças.¹⁰

Para se ter uma idéia, a “Colección Robin Hood”, ainda hoje uma das mais populares, reunia 31 títulos em 1949, entre os quais: *David Copperfield*, *Mujercitas*, *Aventuras de Tom Sawyer*, *La cabaña del tío Tom*, *Corazón*, *Robinson Crusoe*, *Los caballeros del rey Arturo*, *La isla de la aventura*. Já a “Biblioteca Juvenil Hachette” oferecia, em 1953, além de diversos títulos de German Berdiales, como *El alegre folklore de los niños*, e clássicos como *El Robinson Suizo*, *Kim*, *Pinocho*, *Tartarín de Tarascón*, *Cinco semanas en globo...*

A Biblioteca Infantil Municipal de São Paulo nasceu durante a gestão de Mário de Andrade (1893-1945) como diretor do recém criado Departamento de Cultura da Prefeitura desse município, entre 1934 e 1937. Alimentavam o projeto de fomentar a cultura e as “coisas brasileiras”.

O desenvolvimento do projeto foi afinal delegado a Lenyra Camargo Fraccaroli (1916-1991), que esteve como diretora à frente da Biblioteca desde a sua instalação, entre 30 de maio de 1935 e 14 de abril de 1936, até janeiro de 1961. A partir dos anos 1940, criou bibliotecas subsidiárias em outros bairros da cidade de São Paulo e, no início dos anos 1950, elaborou um projeto para a criação de bibliotecas infantis em todos os municípios do estado.

¹⁰ A Hachette abriu uma sucursal em Buenos Aires em 1914, que funcionava sobretudo como um depósito que servia seiscentos livreiros da Argentina e de outros países hispanoamericanos. Além disso, estabeleceu duas lojas para vendas diretas da editora (cf. Mistler 1964: 346).



Mais do que controlar as práticas de leitura em meio a um mercado inundado por produtos de qualidade questionável –como ocorrera com as bibliotecas francesas, que segundo Anne-Marie Chartier e Jean Hébrard, nasceram com um objetivo prioritariamente defensivo–, tratava-se de instituí-las, valendo-se do material disponível, ainda que não ideal.

Assim, por exemplo, se Fraccaroli não aprovava integralmente os contos da Carochinha, de Grimm ou Perrault, que “pecam por muitos motivos”, entre os quais a narrativa de práticas de crueldade e sadismo, afirmava que não poderia eliminá-los completamente, por falta de outra literatura própria para crianças menores.

A relativa flexibilidade repousava, ao mesmo tempo, no fato de a diretora cultivar princípios da Educação Moderna, segundo os quais o leitor deveria sentir-se o mais livre possível para fazer suas escolhas e determinar suas ações. Toda a atmosfera da Biblioteca era construída de modo a não sufocar a espontaneidade da criança:

A bibliotecária queixava-se da falta de bons livros nacionais para crianças – exceção feita, entre outras, às obras de Tales de Andrade e Monteiro Lobato– fato que a obrigava a recorrer largamente a traduções de autores estrangeiros. Destacava nesse sentido o trabalho, junto à editora Melhoramentos, de Arnaldo de Oliveira Barreto, organizador da “Biblioteca Infantil”, “que se desdobrou em muitas séries, que constituem, hoje, uma seara magnífica, variada e útil”.

Ainda assim, considerava o repertório disponível em português reduzido, o que a motivou a publicar, em 1945, pela revista *Literatura e Arte*, uma “Bibliografia infantil de obras brasileiras”, revisada e complementada para reedição em 1951, pelo Departamento de Cultura de São Paulo, como Bibliografia de literatura infantil em língua portuguesa. O trabalho fazia menção, em ordem alfabética por autor, a 1843 obras, com descrição do título, editora, local e ano de publicação (se sabido), nome do tradutor ou adaptador se fosse o caso, número de páginas, formato do livro (apenas altura), presença de ilustrações e, por vezes, nome do ilustrador. Além disso, trazia uma breve apresentação do conteúdo de cada obra, indicando a faixa etária a que se destinava, entre quatro e catorze anos.

Fonte preciosa para este trabalho, só permite vislumbrar, contudo, quantas diferentes edições a Biblioteca possuía de cada título, e não quantos exemplares, o que seria um indicativo de sua importância seja aos olhos da Biblioteca seja dos usuários. Também,



não necessariamente todos os livros disponíveis na Biblioteca foram mencionados pela Bibliografia. É o caso, por exemplo, de *Winnetou*, de Karl May, ausente da Bibliografia e considerada, na enquete feita por *A Voz da Infância em janeiro* de 1942, como a obra mais lida pelos frequentadores da Biblioteca.

Infelizmente, a Bibliografia só fez constar livros portugueses editados nos anos 1940, o que impede a comparação sistemática com o acervo da Biblioteca Nacional de Maestros em termos da proporção entre edições nacionais e originárias das ex-metrópoles. Como a segunda versão da Bibliografia passou do conceito de “obras brasileiras” ao de “em língua portuguesa”, foram incluídos alguns títulos editados na década de 1940, em português, em países como a França, a Bélgica e especialmente a Argentina. Mas não se pode por aí ter uma idéia clara do peso que tiveram as edições estrangeiras de até fins dos anos 1930 na constituição do acervo da Biblioteca. Por essa fonte, tampouco foi possível precisar o momento em que cada obra passou a integrar o acervo da Biblioteca Infantil.

A editora mais presente no acervo da Biblioteca Infantil de São Paulo, com 368 títulos, era a Companhia Melhoramentos, fundada pelos irmãos Weiszflog no estado de São Paulo em fins do século XIX.¹¹

Da Companhia Editora Nacional (CEN), fundada por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes em 1925, após a falência da Monteiro Lobato et Cia., provinham 68 títulos. Em boa parte, obras infantis do próprio Lobato, em edições avulsas e como volumes da série de “Literatura Infantil” da Biblioteca Pedagógica Brasileira (BPB), organizada por Fernando de Azevedo nos anos 1930. Com a saída do escritor da CEN e seu envolvimento, em 1943, com a formação da Brasiliense –juntamente com Artur Neves, Nelson Palma Travassos e Caio Prado Júnior–, seus textos infantis foram sendo relançados por esta última, como parte das “Obras Completas de Monteiro Lobato”.

A Brasiliense, aliás, se fez presente na Bibliografia com 25 títulos, com destaque à obra de Lobato e à de Maria José Dupré: *Éramos Seis*, que alcançou oito edições entre 1943 e 1953, *A ilha perdida*, *A montanha encantada* e *O cachorrinho samba*, editados em 1945, e *A mina de ouro*, em 1946, todos ilustrados por Andre Le Blanc.

¹¹ De Tales C. de Andrade, além da coleção Encanto e Verdade, constavam *Como nasceu a cidade maravilhosa*, publicada pela Melhoramentos e *Saudade*, em edição de 1949 da Companhia Editora Nacional.



Voltando à CEN, ao lado dos livros da autoria de Lobato, constavam da Bibliografia obras traduzidas ou adaptadas pelo mesmo nos anos 1930, como: *Robinson Crusoe: aventuras d'um naufrago*, de Daniel Defoe; *Contos de Grimm*; *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll; *Alice no país do espelho*, de Lewis Carroll; *Viagem de Gulliver ao país dos homenzinhos de um palmo de altura*, de J. Swift.

Ao mesmo tempo, originavam-se da CEN clássicos da literatura infantil publicados em fins dos anos 1920 e nos anos 1930, tais como: *Aventuras do barão de Munchhausen*, de Gottfried A. Bürger; *A princesa Rosita*, da Condessa de Ségur; *Pinocchio*, de Carlo Collodi; *As viagens de Tom Sawyer*, de Mark Twain.

Este último foi publicado pela coleção “Terramarear”. Chama a atenção, entretanto, a ausência na Bibliografia de outros títulos dessa coleção, que reunia histórias de suspense e aventuras, visando sobretudo aos meninos mais velhos. “Terramarear” trazia obras de autores como Emílio Salgari, Mayne Reid, Robert Louis Stevenson, Edgar Rice Burroughs, Fenimore Cooper e Rudyard Kipling. Nenhum deles consta da listagem elaborada por Fraccaroli, provavelmente por tê-los classificado antes como literatura juvenil que infantil.

O mesmo aconteceu com relação à “Biblioteca das Moças” da CEN, coleção que lançou 176 títulos e teve mais de seis milhões de exemplares vendidos. Reunindo romances de autores como Louisa May Alcott e M. Delly, de acordo com o Catálogo Geral da editora, de 1939, deve ter sido considerada por Fraccaroli como mais afinada com a literatura juvenil e adulta que com a propriamente infantil.¹² Mas as fronteiras eram tênues, e a própria diretora mencionou *Mulherzinhas* como um livro apreciado pelos freqüentadores da Biblioteca.

Da Globo, livraria-editora sediada em Porto Alegre, vieram 59 livros.¹³ Criada em fins do século XIX por Laudelino Pinheiro de Barcellos, a empresa prosperou sob a administração de José Bertaso, antigo funcionário feito sócio e, entre 1918 e 1948, único proprietário da empresa. A Seção Editora passou a operar como departamento

¹² Dois títulos de M. Delly constavam como livros recém adquiridos pela Biblioteca de São Paulo, “para adolescentes”, em relação publicada por *A voz da infância*, n.º. 60, ano V, junho de 1941. Na mesma categoria figuravam um título de Maine Reid e um de Julio Verne.

¹³ Livraria do Globo, da qual a Editora Globo se tornaria filial em 1948. Na década de 1930, a empresa já contava com filiais em outras cidades do Rio Grande do Sul e depósitos em outras partes do país. Em 1943, abriu filiais em São Paulo e no Rio de Janeiro.



especializado da firma Barcellos, Bertaso & Cia. por volta de 1930, centrando esforços na tradução cuidadosa de obras literárias.

Nessa linha, lançou diversas coleções de sucesso, em princípio voltadas para o público jovem ou adulto, como a “Amarela”, dedicada a romances policiais, e a “Universo”, rico filão da editora, cujo principal nome era o escritor alemão Karl May. “Winnetou”, postulava um relatório da Globo, “romance de peles vermelhas e pioneiros do oeste, alcançou sucesso em todo país e abriu caminho para os restantes quarenta e cinco títulos do autor”.¹⁴

Apontado como o “mais lido” entre os freqüentadores da Biblioteca Infantil de São Paulo em princípios de 1942, esse livro ficou de fora da Bibliografia, como dito, ainda que não das estantes. Também vale destacar a ausência, na Bibliografia, de *Platero y yo*, de Juan Ramón Jiménez, obra que a Globo traduziu para o português em 1944, tão prestigiada por alguns dos mediadores da literatura infantil que este trabalho enfoca. *Histórias maravilhosas*, de Selma Lagerlöf, editada em 1926 pela “Coleção Verde”, foi um dos poucos títulos da Globo a transpor as delimitações de público previstas pela editora e ser incorporada pela Bibliografia de Fraccaroli.

Érico Verissimo, como se sabe, passou a trabalhar para a editora em 1931, inicialmente como editor da *Revista do Globo*, logo como tradutor, conselheiro literário e, finalmente, autor.

Das traduções para crianças, muitas das quais de obras de origem britânica, constam na Bibliografia, das décadas de 1930 e 1940, além das aventuras de Alice, *História dum quebra-nozes*, de Alexandre Dumas, *O pequeno Robinson de Paris*, de Eugénie Foa, *O rei Arthur e seus cavaleiros*, de Thomas Malory, e seis outros títulos de Spyri, que se seguiram à edição de *Heidi nos Alpes*, em 1936.

Além disso, mencionavam-se duas obras infantis de Cecília Meireles editadas pela Globo – *A festa das letras* (escrito com Josué de Castro), de 1937, e *Rute e Alberto resolveram ser turistas*, de 1938– ao lado de *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos. Finalmente, eram de autores brasileiros os volumes da coleção “Nanquinote” como *As proezas do macaco Guisaldinho*, de Júnior de Sousa.

¹⁴ Relatório da Diretoria *apud* Torresini (1999: 70).



Dentre os 41 títulos da Bibliografia publicados por José Olympio –livraria-editora nascida em São Paulo, em 1931, e transferida em 1934 para a rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, após as atribulações sofridas com a Revolução de 32– figurava *Histórias da Velha Totonha*, de José Lins do Rego, de 1936. Com tiragens médias de cinco mil exemplares, bem superiores aos padrões do período, e pagamento adiantado dos direitos autorais, a livraria se tornara um efervescente ponto de encontro de intelectuais e editora de clássicos da literatura nacional –*Menino de engenho*, *Jubiabá*, *Vidas secas* e *O quinze...* Sobretudo a partir de fins dos anos 1930, passou também a editar traduções de peso, feitas por escritores de peso.

Na Bibliografia de Fraccaroli, prevaleciam os volumes da coleção “Menina e Moça” editados ao longo dos anos 1940 –com pouco mais de 150 páginas de texto cada um, com poucas ilustrações, envolvidos em uma elegante capa dura verde escura, com inscrições em dourado. A coleção reunia obras traduzidas do francês, ambientadas em um mundo aristocrático, de castelos misteriosos, fortunas herdadas e crianças pobres recompensadas por suas atitudes, em que saborosas aventuras se combinavam com enredos moralizantes. Além disso, havia seis títulos de Madaleine Giraud, sobre aventuras do detetive Sir Jerry.

Da Garnier, cuja trajetória no Brasil já se comentou, provinham 38 títulos da Bibliografia, publicados em boa parte na década de 1920. A Bibliografia mencionava 32 títulos da Livraria Francisco Alves, nascida no Rio de Janeiro em 1854 como Livraria Clássica.

Duas outras editoras consideravelmente presentes na Bibliografia eram as argentinas Codex e Abril, ambas com 35 títulos, editados nos anos 1940. Como um dos propósitos desta pesquisa é apontar, para além da comparação, intercâmbios culturais que tiveram lugar entre Argentina e Brasil de princípios a meados do século XX, vale lançar alguma luz sobre esse fato. Segundo Hallewell,

De início [...] a indústria editorial hispano-americana, em expansão, parece não ter feito esforço algum para vender no Brasil: presumivelmente, o mundo de fala espanhola absorvia tudo que era capaz de produzir. Isso começou a mudar em 1941. Em dois anos passou a responder por quase um terço do volume total da importação de livros para o Brasil: 30,3%, equivalente às importações provenientes dos Estados Unidos e do Reino Unido, somadas, e apenas superada pela que vinha de Portugal (34,6%). A Espanha participava com apenas 4,3%, e ainda menos em 1944 (1985: 406).



Da Codex, de Buenos Aires, provinham adaptações de contos de Andersen e Grimm, tal como *A bela adormecida*, por Hector Sanchez Puyol, de 1947 e *Mil e uma noites*, de 1946. Também, adaptações de obras como *Peter Pan e Wendy*, de 1947, *Robinson Crusóe*, *Alice no país das maravilhas* e *Gulliver e Joãozinho*, várias delas assinadas por Sanchez Puyol, pseudônimo usado por Oesterheld. Codex e Abril tinham linhas editoriais parecidas, tendo sido a primeira um modelo para a segunda em termos do alto padrão de apresentação dos livros.

A Bibliografia também menciona oito títulos de autoria de Hector Sanchez Puyol, publicados por Codex em 1947, como *O tesouro do bebê*, da “Coleção Brinquedos”, indicada para crianças de oito a dez anos, e *Ninhos de pássaros*, da “Coleção Natureza”, para crianças um pouco mais velhas.

Finalmente, dois títulos da “Coleção Emília”, de autoria de Monteiro Lobato, editados em 1947 e ilustrados por Carmen Hidalgo: *A lampréia* e *A casa da Emília*. Também de Lobato, quatro títulos da coleção “Picapau Amarelo”, ilustrados por Eugênio Hirsch ou Carmen Hidalgo, editados no mesmo ano: *Uma fada moderna*, *A contagem dos sacis*, *No tempo de Nero* e *O centaurinho*.

Já a editora Abril, de Buenos Aires, constava na Bibliografia com 21 títulos de Walt Disney, publicados entre 1947 e 1948, ilustrados e muitos deles escritos em letra cursiva, à maneira dos famosos álbuns de Babar, concebidos por Jean de Brunhoff na França dos anos 1930.

A Abril privilegiou no início as crianças menores, uma vez que, como relatou Spivacow, a Hachette já produzia, na época, coleções para adolescentes. Parte dos contos de Walt Disney integravam as coleções “Pequenos grandes livros” (Better little books) e “Contos de abril” –que além de contos da Disney, trazia, contos como *O gato de botas*, de Perrault–, ou ainda a coleção “Eu sou”, para crianças de quatro a sete anos. Esta última reunia títulos como *Eu sou o lobo feroz*, *Eu sou o porquinho* ou *Eu sou o trenzinho*, adaptados por Siro B. –pseudônimo de Boris Spivacow– ou Héctor Sanchez Puyol. Dentre os autores argentinos, além de Constancio C. Vigil, com quinze títulos –vários deles editados por Ipê, de São Paulo– Sanchez Puyol, Susi e Siro B, havia uma obra de Horacio Quiroga –*O papagaio depenado e outros contos*, traduzido por Haydée N. Isac Lima e publicado pela Editora Brasileira.



Em seu primeiro ano de existência, a Biblioteca Infantil Municipal recebeu 25.547 “leitores”, que consultaram 25.639 obras. Em 1944, 46.091 leitores, com 78.117 obras consultadas. Logo após a mudança da Biblioteca para a rua General Jardim, a frequência cresceu para 59.592 leitores e 86.717 obras em 1946, e 66.022 leitores e 91.199 obras em 1947.

Fraccaroli costumava frisar que, na sede central, cerca de 80% dos frequentadores provinham de meios operários e, nas sucursais, cerca de 98%. Afinava-se com o projeto de modernização controlada que se desenhou no Brasil nas décadas de 1920 e 1930, em resposta à crescente visibilidade das massas.

Bibliografía

- Botrel, Jean-François (1993). *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*. Biblioteca del libro. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide, D. L.,
- Cabal, Graciela (1992). Distintas maneras de leer un libro para chicos. Ruth Mehl, *Con este sí, con este no: mas de 500 fichas de literatura infantil argentina*, Buenos Aires, Colihue.
- García Padrino, Jaime (1996). “El libro infantil en el siglo XX”. Hipólito Escobar (dir.), *Historia ilustrada del libro español. La edición moderna. Siglos XIX y XX*, Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirámide.
- Hallewell, Laurence (1985). *O livro no Brasil*, São Paulo, T. A. Queiroz; EDUSP.
- Marengo, Roberto (1991). “Estructuración y consolidación del poder normatizador: el Consejo Nacional de Educación”. Adriana Puiggrós (org.), *Historia de la Educación Argentina. Sociedad civil y Estado en los orígenes del sistema educativo argentino*, Buenos Aires, Galerna, 2.
- Mistler, Jean (1964). *La Librairie Hachette de 1826 à nos jours*, Paris, Hachette.
- Mollier, Jean-Yves (1988). *L'argent et les lettres. Histoire du capitalisme d'édition, 1880-1920*, Paris, Fayard.
- Pinto, A. C. (1993). *Dossier: les frères Garnier et l'édition brésilienne à la fin du XIXème. siècle*. IVT de Ville d'Array, Option Métier du Livre.



- Renonciat, Annie (1997). *Les livres d'enfance et de jeunesse en France dans les années vingt (1919-1931)*. Thèse (Doctorat d'Histoire) – Université Paris VII.
- Torresini, Elizabeth (1999). *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*, São Paulo: EDUSP: Com Arte; Porto Alegre: Editora UFRGS.